

LETRAMENTO DIGITAL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: INTERFACES COM PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DE PROFESSORES

Ivanda Maria Martins SILVA
(Universidade Federal Rural de Pernambuco)
martins.ivanda@gmail.com

Resumo: Na educação a distância, os processos de ensino-aprendizagem são mediados pelas tecnologias da informação e comunicação, requerendo amplo domínio das ferramentas tecnológicas por parte de discentes e docentes. Surge a noção do letramento digital como certo estado que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita mediadas eletronicamente (SOARES, 2002). O letramento digital implica tanto a apropriação de uma tecnologia, quanto o exercício efetivo das práticas de leitura e escrita no meio digital (COSCARRELLI, 2005). A superabundância de informações, os e-gêneros (MARCUSCHI, 2004), bem como a interatividade dos ambientes virtuais precisam ser considerados na motivação para o aprimoramento das práticas de leitura e escrita. Pretende-se discutir o letramento digital, tendo em vista as práticas de leitura e escrita de licenciandos em Letras da UAB/UFRPE. O público-alvo da pesquisa é formado por professores/cursistas que atuavam na educação básica, 62% tinham entre 30 e 48 anos, com vasta experiência profissional. A pesquisa revela caráter qualitativo, privilegiando-se as experiências e concepções dos professores que realizaram as atividades para a disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual*. A elaboração de jornais virtuais com temáticas variadas revelou-se como atividade importante na motivação das atividades de leitura e escrita em novos suportes tecnológicos. Percebeu-se a condição dos professores como “imigrantes digitais” (PRENSKY, 2001), os quais precisam conquistar maior autonomia na manipulação de ferramentas tecnológicas para as atividades de leitura e escrita nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Palavras-chave: Letramento Digital. Educação a Distância. Leitura. Escrita.

DIGITAL LITERACY IN DISTANCE EDUCATION: INTERFACES WITH READING AND WRITING PRACTICES OF TEACHERS

Abstract: In distance education, teaching and learning processes are mediated by information and communication technologies, requiring extensive domain of technological tools by students and teachers. In this scenery, it emerges the notion of digital literacy as a certain state that people get into when they take ownership of the new digital technology and get involved in reading and writing practices electronically developed (SOARES, 2002). Digital literacy involves the appropriation of technology such as the effective implementation of reading and writing practices in the digital

environment (COSCARELLI, 2005). The overabundance of information, the e-genres (MARCUSCHI, 2004) and the interactivity in virtual environments need to be considered as motivation elements that can be used to improve reading and writing practices. This paper intends to discuss digital literacy, considering the reading and writing practices of undergraduate students at UAB/UFRPE. The researched group was composed of experienced teachers in basic education, whose ages ranged from 40 to 48 years old, 62% of them held some extensive professional experience. This is a qualitative research, which focuses on those teachers' experiences and conceptions regarding reading and writing in digital environments. They carried out the activities assigned for the discipline called *Reading Practices and Textual Production*. The production of virtual newspapers with various themes proved to be an important activity in relation to the motivation needed to practice reading and writing in those environments. The results of this research indicate that the teachers/students who participated are "digital immigrants" (PRENSKY, 2001) that need to gain greater autonomy in order to deal with reading and writing activities in virtual learning environments.

Keywords: Digital Literacy. Distance Learning. Reading. Writing.

Percursos Iniciais

No cenário dinâmico da Educação a Distância (EAD) e das inovações tecnológicas, as atividades de leitura e escrita são requisitadas e demandam novas práticas de letramento mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC). Ler e escrever com eficácia em diferentes suportes tecnológicos tornam-se habilidades importantes nos ambientes virtuais de aprendizagem, no sentido de manter a interação entre docentes e discentes nos diversos espaços discursivos que redimensionam as estratégias comunicativas.

Na era da sociedade tecnológica, surge a noção de letramento digital como exercício das práticas sociais de leitura e escrita em ambientes virtuais, mediante o potencial de interatividade oportunizado pela web 2.0 (LIMA e ARAÚJO, 2011). Várias pesquisas apresentam discussões sobre esse tema que vem sendo amplamente revisitado (COSCARELLI, 2005; SOARES, 2002; BUZATO, 2003, 2006, 2007, ROJO, 2007; LIMA e ARAÚJO, 2011). Desse modo, o letramento digital configura-se como conceito amplamente discutido, percebendo-se as relações dos sujeitos com "as práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo" (BUZATO, 2003).

Leitores e autores assumem novos contratos comunicativos, praticando a

leitura e a escrita de modo multissequencial, acessando *homepages*, ambientes virtuais e interfaces digitais, clicando nos *links* que abrem novas possibilidades de leitura, construindo *blogs*, escrevendo comentários e recados nas redes sociais, além de uma infinidade de situações que redimensionam o ler e o escrever no ciberespaço. Essas práticas de leitura e escrita em novos suportes tecnológicos tornam-se essenciais para os estudantes que vivenciam os desafios na construção da autonomia nos processos de ensino-aprendizagem recorrentes na Educação a Distância.

Na EAD, os processos de ensino-aprendizagem são mediados por tecnologias, considerando as relações entre professores e alunos que estão separados espacial e/ou temporalmente, no entanto, permanecem conectados por uma série de recursos tecnológicos (MORAN, 2002). A EAD propicia a “aprendizagem coletiva em rede” no ciberespaço, favorecendo o papel do professor como “animador da inteligência coletiva” (LÉVY, 1999). Essa “aprendizagem coletiva em rede” é concretizada por meio não apenas das interações entre diferentes atores que se comunicam mediados por recursos tecnológicos, mas, sobretudo, a aprendizagem se dá pela afetividade, pelos constantes fluxos de comunicação, pelas trocas de linguagens que são vivenciadas pelos educandos e educadores nos ilimitados domínios dos ambientes virtuais.

Certamente a EAD vem transformando as práticas de linguagem entre professores e alunos que precisam redimensionar a leitura e a escrita para os novos desafios do letramento digital. Conforme Soares (2002), o letramento digital caracteriza certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e realizam práticas de leitura e escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no meio impresso. Ainda segundo Soares (2002), não é apenas a tela do computador que gera um novo tipo de letramento, mas todos os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita e da leitura no mundo digital. Concordamos com Buzato (2006) quando aponta para o caráter plural do termo letramento digital, compreendendo o termo no plural:

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente. (BUZATO, 2006, p.16).

Considerando tais pressupostos, pretende-se discutir o letramento digital, tendo em vista as práticas de leitura e escrita de professores participantes do Programa PARFOR, no curso de primeira Licenciatura em Letras a distância da UAB/UFRPE. O presente estudo descreve a experiência com a disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual*, tendo em vista reflexões sobre letramento digital na EAD e a elaboração de jornais virtuais para motivar a leitura e a escrita em novos suportes tecnológicos.

1 – Práticas de letramento digital: diálogos com o Curso de Licenciatura em Letras a distância da UAB/UFRPE

O curso de Licenciatura em Letras a distância da UAB/UFRPE teve sua primeira entrada em abril de 2010, como ação integrada ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, visando à formação continuada de docentes. O PARFOR foi instituído pelo MEC, por meio do Decreto nº 6.755, de janeiro de 2009, com a finalidade de organizar os planos estratégicos de formação inicial e continuada dos docentes da educação básica.

Em sua primeira entrada, o curso de Licenciatura Letras a distância da UAB/UFRPE funcionou em dois polos de apoio presencial: Carpina/PE e Pesqueira/PE, com a participação de 98 docentes matriculados. Os professores/cursistas atuavam na educação infantil, no ensino fundamental (1º ao 5º ano) e na EJA/Educação de Jovens e adultos. A faixa etária variava entre 30 a 48 anos, com alguns docentes que tinham interrompido seus estudos há mais 15 anos. Ingressar na universidade, considerando os desafios da EAD, configurou-se, assim, como oportunidade para que os docentes tentassem investir em sua formação continuada, iniciando sua primeira licenciatura na modalidade a distância.

Por meio de avaliação diagnóstica, notou-se que mais de 67% dos docentes matriculados no curso de Licenciatura em Letras não tinham, em suas residências, acesso aos recursos tecnológicos necessários para apoiar a aprendizagem na EAD, tais como: acesso rápido à internet, computadores com aplicativos de edição de textos e ferramentas de apresentação, além de *softwares* de vídeos e áudio. Muitos cursistas dependiam de *lan houses* para realizar as atividades propostas no

ambiente virtual de aprendizagem. Diante desse perfil, observou-se de imediato o baixo grau de letramento digital dos professores, considerando o processo de apropriação dos recursos tecnológicos para a realização de práticas de leitura e escrita mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC).

Neste trabalho, será relatada a experiência com a disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual*, ofertada nos dois polos de apoio presencial (Carpina/PE e Pesqueira/PE). A referida disciplina contou com o apoio de uma professora formadora que coordenava as ações de dois tutores/virtuais, os quais atuavam no apoio à aprendizagem dos alunos no ambiente virtual *Moodle*.

Os cursos a distância da UFRPE funcionam com o auxílio do Moodle (*Modular Object Oriented Distance Learning*), um sistema destinado a auxiliar a criação e o gerenciamento de cursos online. O *Moodle* é um ambiente virtual desenvolvido em código aberto (*open source*) e possibilita o acompanhamento das atividades realizadas por meio de relatórios de acesso. O aluno tem acesso à plataforma do curso por meio de um *login* e uma senha pessoal.

Na disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual*, houve ainda a participação de dois tutores presenciais que coordenavam as atividades nos polos. A dinâmica geral da disciplina consistia em atendimento virtual no *Moodle*, realizado pela professora formadora e pelos tutores/virtuais, além de encontros presenciais nos polos, com atividades e avaliações presenciais. Os encontros presenciais eram realizados com a finalidade de consolidar processos avaliativos e autoavaliativos, bem como promoviam interações entre tutores e discentes, no sentido de ampliar as orientações teórico-metodológicas disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem.

No *Moodle*, foram disponibilizados materiais didáticos, tais como: livros, videoaulas, biblioteca virtual, videoteca, atividades, guias de estudo, roteiros de aulas e fichas didáticas. Os livros didáticos eram publicados digitalmente e também encaminhados aos alunos em meio impresso. Na elaboração dos livros didáticos, priorizou-se uma abordagem dialógica no tratamento à linguagem.

Tendo em vista a natureza dialógica e a finalidade didática dos materiais didáticos, alguns autores, como Sousa (2001), propõem a nomenclatura “gênero discursivo mediacional”, isto é, uma configuração discursiva destinada à produção de material para EAD. Na perspectiva de Sousa (2001), o gênero mediacional “apresenta uma linguagem envolvente, com traços da interação face a face de sala

de aula, onde o professor expõe, parafraseia, explica, reitera um tema (conteúdo) com o objetivo de proporcionar o aprendizado aos seus alunos”. Nesse sentido, a escrita do material didático para a disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual* priorizou a configuração do gênero discursivo mediacional, no sentido de estreitar o diálogo entre professor/autor e alunos/leitores, conforme exemplos a seguir.

Você já parou para pensar na importância da leitura, considerando a diversidade de textos, gêneros e linguagens que circulam no jornal? Não? Então, vamos refletir sobre o assunto? (SILVA, 2010, p. 65).

Vamos começar a brincar com as palavras e as imagens, no sentido de idealizarmos a elaboração de um pequeno jornal? Essa tarefa tem como objetivo estimular a leitura e a produção textual, fazendo com que você se sinta motivado a ler e a escrever textos diversos. Nesse sentido, pesquise tudo o que você conseguir sobre o jornal em meio impresso e em meio eletrônico, considerando alguns aspectos, como: seções do jornal, temas da atualidade, notícias que você gostaria de veicular, reportagens sobre questões polêmicas. (SILVA, 2010, p. 66).

Como se pode notar, o material didático utilizado na disciplina ratificava o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem (BAKHTIN, 1993), valorizando o processo de diálogo na interação entre professor e alunos. Segundo Bakhtin (1993), nossa linguagem é eminentemente dialógica, visto que mantém interação com enunciados anteriores e posteriores ao momento da comunicação. Além disso, enquanto fenômeno social e ideológico, ela participa dinamicamente da realidade histórico-social dos indivíduos. Explica Bakhtin (1993, p. 88) que:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.

Considerando as dificuldades do público-alvo, em relação ao letramento digital e outras práticas de letramento, toda a organização da disciplina buscou dialogar com as demandas dos professores/cursistas. Notou-se que os professores/cursistas revelaram diversas dificuldades de leitura/escrita, conforme a participação nas atividades do ambiente virtual e nas avaliações presenciais. Os docentes/cursistas elaboravam textos com alguns entraves, tais como: não atendimento ao gênero textual proposto, carência de elementos coesivos diversificados no processo de articulação textual, problemas quanto à coerência textual, dificuldades quanto à norma gramatical, repetições de ideias e estruturas, comprometimento da progressão temática, além de outros.

Algumas estratégias foram utilizadas, a fim de motivar os docentes para as

práticas de leitura e produção de textos, reconhecendo a importância da diversidade de textos e gêneros textuais. Nesse sentido, os professores/cursistas foram convidados a uma atividade de escrita colaborativa, contemplando-se a produção de jornais virtuais sobre temas da atualidade. Por meio dessa atividade, foi considerada a necessidade de divulgar experiências dos docentes em relação às práticas de leitura/escrita, a vivência na educação básica, além de peculiaridades locais e culturais de seus respectivos municípios.

O jornal revelou-se como meio de comunicação mais adequado às demandas de aprendizagem dos cursistas, tendo em vista a diversidade de textos e gêneros, bem como a variação de suportes (impresso/digital), fatores que poderiam contribuir significativamente para ampliar as práticas de linguagem dos professores/cursistas. Além disso, como o público-alvo era constituído por docentes em formação, o jornal poderia ser utilizado como instrumento didático-pedagógico, no sentido de os licenciandos perceberem as múltiplas potencialidades deste veículo de comunicação no desenvolvimento das práticas de letramento dos próprios alunos da educação básica. Desse modo, o trabalho desenvolvido na disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual* poderia servir de motivação para que os docentes revisitassem sua própria prática pedagógica, no sentido de rever concepções, metodologias e sequências didáticas em prol do ensino-aprendizagem das atividades de leitura e escrita na educação básica.

Ressalta-se que todo o processo de orientação para a elaboração dos jornais era contemplado nas atividades propostas no material didático da disciplina, bem como naqueles presentes no *Moodle*.



Fig. 01- Interface do material didático impresso de Práticas de Leitura e Produção Textual (UAB/UFRPE)

A produção de jornais virtuais foi importante para aprimorar as práticas de letramento digital dos cursistas, bem como para incentivar a produção textual, estimulando os professores a tentarem minimizar as dificuldades na escrita. Nesse sentido, foram abordados gêneros textuais diversificados que comumente são encontrados nos jornais, tais como: notícias, artigos de opinião, reportagens, classificados, anúncios publicitários, tirinhas, charges, poemas. Também foram efetivadas reflexões sobre a publicação de jornais em diferentes suportes (impresso e digital), considerando a diversidade do público-alvo e a intencionalidade comunicativa no processo de produção textual.

Para a produção de jornais, os cursistas foram organizados em grupos de trabalho e os tutores orientavam o processo de formação desses grupos no ambiente virtual *Moodle*. Cada grupo contava com um espaço colaborativo para a produção textual, constituído de um fórum e uma *wiki*, para facilitar o contato entre os participantes e criar condições para a escrita colaborativa.

De início, houve certa resistência em relação ao trabalho proposto, pois os cursistas ainda estavam presos ao paradigma do ensino presencial, entendendo que o trabalho em grupo só poderia ser concretizado presencialmente. Muitos cursistas escreviam desesperados, informando que não poderiam se reunir presencialmente, já que não tinham tempo disponível e moravam em municípios diferentes.

A professora formadora e os tutores tentavam mudar a concepção dos cursistas, orientando sobre ferramentas e gêneros digitais que poderiam ser explorados no *Moodle* para a produção do jornal virtual. Aos poucos, os cursistas foram compreendendo a possibilidade do “estar junto virtual” e iniciaram a construção do jornal, pesquisando e selecionando temas, notícias, reportagens que poderiam contribuir para o trabalho.

Em relação aos temas propostos nos jornais, notou-se que os cursistas buscavam contemplar questões sobre artesanato, cultura popular, meio ambiente, curiosidades locais, educação, tecnologia, ciência, cidadania e política. Alguns títulos podem ser destacados, tais como: Educação em Foco, Jornal Jovem Aprendiz, Informativo Jenipapo, Jornal Rabisco, Universo das Notícias, Voz da informação, Política e Cidadania, Jornal a Voz do Povo.

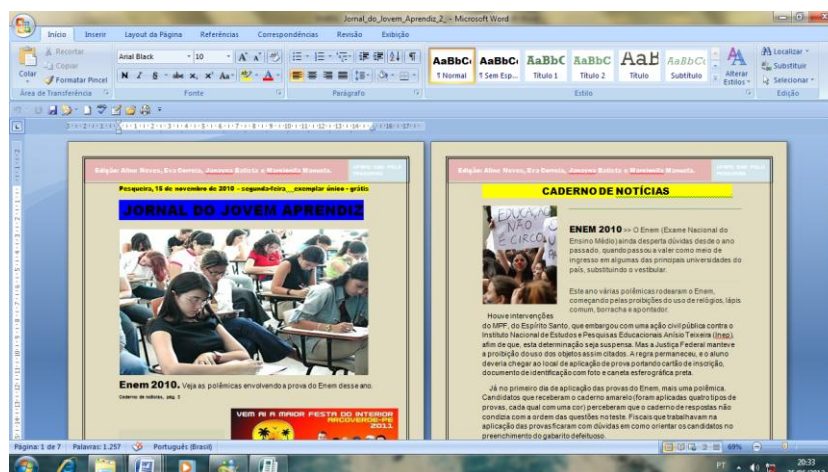


Fig. 02- Interface de Jornal Produzido pelos Cursistas

Na organização do ambiente virtual de aprendizagem, partiu-se de uma abordagem intersemiótica, tentando articular diferentes linguagens na configuração do *Moodle*, no sentido de estimular os cursistas para a leitura icônica. A cada semana, havia uma imagem diferente no *Moodle*, no sentido de instigar a curiosidade dos cursistas, motivando-os à descoberta das potencialidades do AVA. Alguns quadros de pintores renomados foram priorizados nessa abordagem intersemiótica, tais como: Anita Malfatti, Portinari, Picasso e Jean-Honoré Fragonard. As imagens selecionadas representavam artisticamente práticas de leitura/escrita, no sentido de promover-se uma identidade visual para o curso proposto.

A disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual* buscou abordar as múltiplas faces do letramento, considerando a inserção dos professores/cursistas no mundo das mídias digitais, a exploração de gêneros digitais, a leitura e a escrita em diferentes suportes, o contato com diferentes linguagens, diversidade de eventos de letramentos, além de outras ações.

A proposta da disciplina era abordar a leitura e a produção textual, tendo em vista alguns eixos importantes, tais como: intertextualidade e diversidade de gêneros. Os professores/cursistas precisam ampliar o seu repertório de leituras, construindo uma memória intertextual e reconhecendo também a multiplicidade de linguagens e gêneros nas práticas de leitura e escrita. Desse modo, a intertextualidade e a diversidade de gêneros transformaram-se em eixos importantes, desde a elaboração do material didático até a organização visual da disciplina no ambiente virtual *Moodle*.

Nos ambientes virtuais, podemos notar a intertextualidade intergêneros

(MARCUSHI, 2003), se considerarmos o AVA como espécie de hipergênero (SOUZA, 2009, ARAÚJO, 2005), espaço de convergência entre diferentes gêneros que promovem interações síncronas e assíncronas entre docentes e discentes no contexto da educação a distância. Os ambientes virtuais funcionam como “constelações de gêneros digitais”, termo sugerido por Araújo (2005). Sob esse aspecto a confluência de diferentes, gêneros, linguagens e recursos midiáticos transformam o AVA em um espaço dinâmico, onde som, imagem, textos verbais, *e-books*, audiolivros, vídeoaulas se cruzam e motivam a aprendizagem dos alunos.

Essa abordagem sobre “intertextualidade intergêneros” foi priorizada na disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual*, no sentido de os cursistas perceberem o ambiente virtual *Moodle* como hipergênero, formado pela reunião de diferentes gêneros digitais em constante diálogo. Considerando tais aspectos, alguns gêneros digitais foram priorizados, tais como: glossário interativo; fórum de notícias, fóruns temáticos semanais, *chat* aberto tira dúvidas, *wikis*, *quiz*, *blogs*. A diversidade de gêneros buscava colocar os professores/cursistas em diferentes situações comunicativas, no sentido de experienciarem a leitura e a escrita mediadas pela interatividade do AVA.

Ressalta-se que os fóruns temáticos semanais foram priorizados para aprofundar as discussões teóricas e estreitar as interações entre professores/tutores e cursistas. Semanalmente, os cursistas eram convidados a participar de fóruns temáticos, de acordo com os assuntos abordados. Nesses fóruns, os cursistas tinham a oportunidade de criar tópicos de discussão, responder aos tópicos já criados pelos professores e comentar as contribuições dos colegas, o que propiciava a interação em rede, na qual todos participavam, argumentavam, socializavam suas experiências e leituras.

Um fórum temático abordou as principais dificuldades dos cursistas em relação às práticas de leitura e produção textual. O eixo de discussão do fórum é descrito a seguir:

No fórum temático dessa semana, que tal você colocar as suas principais dificuldades em relação às práticas de leitura e produção textual? Você acha que escrever é algo complicado? Que concepções circulam na escola sobre leitura e escrita? Como você, como professor (a), aborda a leitura a produção de textos em suas aulas?

(Orientação de fórum temático semanal da disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual*).

A proposta do fórum era motivar os cursistas para autoavaliação de práticas de leitura e escrita, bem como buscava promover uma reflexão sobre concepções e metodologias que circulam na escola. A *professora A* deu o seguinte depoimento no fórum.

Minha maior dificuldade na leitura é quando, por obrigação, tenho que ler sobre algum assunto que não gosto. Eu adoro fazer leitura por lazer. Ler o jornal diariamente, livros de romances, auto-ajuda, resumo da novela, uma bela mensagem, uma piada, um e-mail, é prazeroso para mim, leio, aprendo, me informo e adoro. Acho que fiquei traumatizada com a quantidade de livros paradidáticos que fui obrigada a ler durante o período escolar. Quanto à produção de textos, minha dificuldade, às vezes, é encontrar a palavra certa para expor aquilo que desejo. Mesmo com essa breve dificuldade, ainda prefiro produzir textos que fazer uma colocação oral. Durante uma produção de um texto, sempre leio e releio várias vezes para ver se está coerente, e sempre acabo mudando algumas palavras, procurando outras palavras para colocar, todo um processo. Mas eu gosto. Na creche onde trabalho, eu procuro introduzir a leitura e produção de textos de uma forma lúdica, porque trabalho com crianças de 3 e 4 anos, e nessa fase temos que colocar a leitura na vida deles da forma mais prazerosa e natural possível, para que no futuro não fiquem com dificuldades, ou não gostem da leitura. Quem não gosta de ler, provavelmente não conseguirá desenvolver um bom texto. (Depoimento de professora/cursista A do curso e Letras, polo Pesqueira/PE).

O depoimento da *professora/cursista A* revela o processo de escolarização das práticas de leitura e escrita, apresentando a leitura na escola atrelada à obrigação, à realização de tarefas puramente escolares, sem associações com a leitura por prazer, ação lúdica de construção de sentidos. Ao afirmar: “*acho que fiquei traumatizada com a quantidade de livros paradidáticos que fui obrigada a ler durante o período escolar*”; fica evidente a concepção escolarizada da leitura com a ênfase na quantidade e na imposição dos paradidáticos, sem considerar os horizontes de expectativas dos leitores.

Quanto às dificuldades em relação à escrita, a *professora cursista A* revela a concepção do processo de produção textual, envolvendo as etapas de planejamento, escrita, revisão textual e reescrita. Quando avalia sua prática pedagógica em sala de aula, a docente deixa bem claro que busca atrelar a leitura e a escrita à dimensão lúdica, já que trabalha com crianças e precisa estimular o prazer de ler e produzir textos, considerando as expectativas do público infantil.

Sob esse aspecto, é importante destacar que a disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual* sempre buscava dialogar com a prática pedagógica dos professores/cursistas, fazendo-os refletirem sobre como estavam abordando

a leitura e a escrita nas escolas em que atuavam. No depoimento a seguir, nota-se a avaliação da *professora/cursista B* em relação ao trabalho realizado na disciplina:

Nesta disciplina, foi possível construir o conhecimento e aprimorarmos as nossas práticas de leitura e produção de textos. Os conteúdos programáticos foram muito bem selecionados e atenderam as nossas necessidades. As atividades propostas foram bem elaboradas e de forma clara, sem causar dúvidas e falta de compreensão no momento de respondê-las. Essa disciplina contribuiu muito para melhorar as minhas práticas de produção textual na sala e em como trabalhar com os jornais. (Depoimento de professora/cursista B do curso de Letras, polo Pesqueira/PE, no fórum de avaliação da disciplina).

Nota-se que a *professora/cursista B* revela as contribuições da disciplina para a sua prática pedagógica, reconhecendo a consistência dos conteúdos abordados e a importância do trabalho com o jornal em sala de aula.

Em síntese, a disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual* criou oportunidades para que os professores/cursistas aprimorassem suas práticas de letramento, considerando a necessidade de promover ações capazes de minimizar as dificuldades de leitura e escrita do público-alvo. Além disso, a disciplina também contribuiu para que os professores cursistas (re)avaliassem concepções e metodologias que circulam nas escolas sobre leitura e escrita, propiciando novos “olhares” para o redimensionamento da prática pedagógica dos docentes que atuam na educação básica.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou ampliar as reflexões sobre letramento digital na Educação a Distância, por meio do relato de experiência com professores/cursistas que participaram do curso de Licenciatura em Letras da UAB/UFRPE. Nesse sentido, foram descritas as ações realizadas na disciplina *Práticas de Leitura e Produção Textual*, visando minimizar dificuldades de leitura e escrita apresentadas pelos professores/cursistas.

Observou-se que os docentes apresentavam diversas dificuldades nas práticas de letramento digital, assumindo a posição de “imigrantes digitais” (PRENSKY, 2001). Os depoimentos dos docentes/cursistas apontam as dificuldades em relação ao acesso aos recursos tecnológicos, conforme exemplos a seguir:

A princípio eu fiquei desorientada por que não tenho computador e não sabia como usar. Mas aos poucos fui me engajando e já aprendi algumas coisas. Para que mora longe de uma universidade ou não pode e as aulas todos os dias, a educação a distância ideal. Acho que por isso ela tem conquistado tanto espaço. O curso é bem planejado, e rico em material básico e complementar, há professores, tutores capacitados, não há como estudar menos. Toda semana há novos desafios para ser superados. (*Depoimento de professor/cursista do curso de Letras, polo Pesqueira/PE*).

No início eram maiores as dificuldades, pois não tinha computador em casa e não tinha como realizar as tarefas. Mas com a ajuda de amigos, aos poucos, estou conseguindo me achar no meio tecnológico superando as dificuldades. (*Depoimento de professor/cursista do curso de Letras, polo Carpina/PE*).

Em um país continental como o Brasil, a educação a distância revela-se como modalidade de ensino em rápida expansão para minimizar as dificuldades na formação de docentes da educação básica. Aos desafios na implantação da EAD no Brasil, por meio de ações das universidades públicas em parceria com programas, como UAB, no processo de formação docente, somam-se os constantes desafios para aprimorar a inclusão digital dos alunos matriculados nos diversos cursos a distância que se espalham no país.

Ao se abordar a inclusão digital dos alunos no cenário da EAD, tendo em vista as relações dinâmicas entre os estudantes e as tecnologias disponíveis para apoiar os processos de ensino-aprendizagem, não se pode perder de vista o letramento digital como pilar importante no desenvolvimento de práticas de leitura e escrita mais significativas.

É importante desenvolver ações direcionadas para ampliar as práticas de letramento digital dos estudantes nos ambientes virtuais de aprendizagem, apoiando os processos síncronos e assíncronos nas interações entre docentes e discentes. Nesse sentido, a elaboração de jornais virtuais revelou-se como estratégia importante na motivação das atividades de leitura e escrita dos cursistas em novos suportes tecnológicos, contribuindo para que ler e escrever ganhassem sentido como práticas socioculturais atreladas aos conhecimentos e usos sociais dos licenciandos.

Referências

ARAÚJO, J.; BIASI-RODRIGUES, B. A natureza hipertextual do gênero chat aberto. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 48-62.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BUZATO, M. **Letramento digital abre portas para o conhecimento**. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/html/index_busca.cfm> Acesso em 12 mar. 2003.

_____. Desafios empírico-metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, 46(1): 45-62, Jan./Jun. 2007.

_____. **Letramentos digitais e formação de professores**. Disponível em: http://www.educared.org/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf. Acesso em: 04 julho 2010.

COSCARELLI, C. Alfabetização e Letramento digital. In: COSCARELLI, C. V; RIBEIRO (Orgs.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

FRANCO, M.A. Elaboração de material impresso: conceitos e propostas. In: CORRÊA, J. (Org.). **Educação a Distância: orientações metodológicas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas, Mercado das Letras. 1995.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34. 1999.

LIMA, S.; ARAÚJO, J. Relações entre letramento digital e atividades on-line o processo de ensino-aprendizagem de língua materna em ambientes virtuais. In: GONÇALVES, A.; PINHEIRO, A. (orgs.). **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

MARCUSCHI, L.; XAVIER, A. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2004.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & Ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2004.

MOORE, M; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson. 2007.

MORAN, José. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/innov.htm>. Acesso em 12 jun. 2002.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **The Horizon**, v. 9, n. 5, 2001.

ROJO, R. Letramentos Digitais – A Leitura Como Réplica Ativa. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 46(1): 63-78, Jan./Jun. 2007.

SILVA, I. **Práticas de Leitura e Produção Textual**. Material didático para cursos de Licenciatura a distância. v.1,2,3. Recife: UAB/UFRPE, 2010.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**: Campinas, v.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

SOUSA, R. M. **Gênero textual mediacional: um texto interativo e envolvente na perspectiva de um contexto específico**. Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas - Universidade de Brasília, 2001. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3540/1/2006_Rosineide%20Magalh%C3%A3es%20de%20Sousa.pdf> Acesso em 11 de agosto de 2011.

SOUZA, V. Ambientes virtuais de aprendizagem: sistemas complexos compostos por gêneros digitais. **Revista Texto Line**. Nº 2, vol. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.textolivres.net>> Acesso em: 20 abril 2010.

TORI, R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

Artigo recebido em: 20 de julho de 2015

Artigo aprovado em: 20 de setembro de 2015

Sobre a autora:

Ivanda Maria Martins Silva é doutora em Letras (UFPE), professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras EAD/UFRPE. Atua no Programa PPGTEG/UFRPE- Pós-graduação em Tecnologia e Gestão em Educação a Distância na área de Práticas de Linguagem em EAD. É autora do livro *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*, publicação do Programa de Pós-graduação em Letras/UFPE (2005).